

# A repressão na Funai

Hélio Correa Gomes

A história do indigenismo brasileiro tem exemplos singulares da destruição cultural, de piadas étnocidas de uma política integracionista. Planejam o término das nações indígenas de maneira lenta e gradativa. Se utilizam das diversidades étnicas para sobrepor aos povos índios, para aculturá-los. Integrá-los à sociedade do consumo, mesmo contra suas vontades.

Esta é a história cheia de lágrimas, dos massacres dos bandeirantes sobre os índios. Do fim do antigo Serviço de Proteção aos Índios - SPI por corrupção, pelo esbulho das terras indígenas, que causaram o arrependimento do próprio Rondon, quanto ao pensamento da integração do índio à sociedade envolvente.

Tudo isto não será esquecido por quem sofre na carne estas desmandos, estas macabras situações. Agora nasce a FUNAI, com o fracasso do SPI, herda ao longo da história recente toda sorte de corrupções, de vícios que anteriormente contribuíram para a desintegração comunitária das sociedades índias.

Hoje de maneira sintética a ação da FUNAI é continuista, não evoluiu em nada, forja falsas lideranças para manter o controle das comunidades, injeta dinheiro público em projetos econômicos que nada tem de ligação com as necessidades dos índios, são feitos sem o mínimo critério, jogam com o dinheiro público, bitancam de administração.

A FUNAI do general Ismarth, aquele que com seu grupo cedeu inúmeras certidões negativas, que intensificaram o roubo das terras nativas. Da forma descarada de empreguismo, da repressão aos indígenas que foram controlados em suas reivindicações por forças para-militares. Da fomentação das divisões internas das comunidades índias, da compra de certos caciques para manter a calma nas aldeias. Das verbas que saíam da Funai e nunca chegavam aos endereços remetidos.

Hodiernamente há caminhos novos, são os das madeiras, dos minérios. Dizem eles que só serão os gestores das negociações, que os beneficiados diretos serão sempre os índios. Só é prudente relem-

brar que ninguém foi punido pelos ilícitos penais praticados naquele órgão.

Para Cutabá, importaram de Pernambuco um administrador, para a 2ª superintendência da FUNAI. Ele dá sinais de que estamos voltando no tempo (inexplicitamente a maioria dos assessores e dirigentes são também de lá). Mas vejamos as idéias Ismarthianas deste ilustre.

Inicialmente, nunca enfrenta um problema sem levantar as neuroses do serviço de informação daquele órgão, acusa sempre um "infiltrado" tem sempre alguém manipulando os índios, os indígenas para ele são sempre débeis mentais, não possuem nenhuma iniciativa.

Segundo, joga sempre com interesses escusos, divide os líderes índios. Não quer nem ouvir falar da recuperação das terras imemorais das nações indígenas, hoje nas mãos de latifundiários, mas com registro cartorial em nome da União com usufruto exclusivo para índios. Tem marcado presença nas reuniões e negociações de maneira inábil, dando provas de que não é do ramo.

Contratou recentemente mais de 15 "garotões" musculosos para lhe proteger contra os índios. Se alguém chegar à FUNAI não deve se enganar, lá, ainda, não é academia de musculação, são só os "meninos de Fernandes" ou como dizem os servidores da 2ª superintendência, os "Fernandetes". Os servidores, aliás, estão se sentindo deprimidos e por vezes intimidados por estes leões-de-chácara. Notei em uma das oportunidades que estive ali, que o clima é de terror, que esta posição hitleriana é de quem não entendeu a real política do país. De que na questão indígena a repressão é mal hábito, vício antigo, arma dos incompetentes, que não estão preparados para o diálogo. O Sr. Eraldo está criando para si perturbações, está desta forma fabricando crises futuras.

Em entrevista nos telejornais locais, chegou ao desparate, o Sr. Eraldo Fernandes de querer lamber o padre Balduino Loebens. Não possuo procuração para defendê-lo, mas é bom que se diga o referido padre vive há mais de 20 anos com os índios Erikbaktsa, todo este tempo se dedicando à saúde daquela comunidade. Diz o Eraldo que Balduino estaria "insuflando" e "manipulando" os in-

dios para a demarcação das terras sem ou com ordem judicial.

Senhor administrador da Funai-Mt., não levante calúnias e respeite quem tem trabalhado nas áreas indígenas, mesmo antes do senhor conhecer Mato Grosso.

Confesse de público que a demarcação embargada pela decisão liminar da 7ª vara da justiça federal em Brasília, é do começo do ano, e que os senhores nada fizeram até o momento para desfazê-la. Que as demarcações das terras indígenas deveriam estar prontas em 1978, como determina a lei 6001/73.

Confesse que este órgão é negligente, que na própria área onde trabalha o padre Balduino, a 2ª superintendência não possui nenhum funcionário para cuidar dos ambulatórios médicos, que este serviço é feito sumetivamente pelo padre, que a Funai lá se omitiu em cumprir seus deveres. Que pela televisão o senhor acusou sem provas e levemente os serviços deste indigenista.

Não pense a administração da 2ª superintendência, em especial o superintendente, que a repressão é coisa nova, é bem antiga e os índios, missionários, indigenistas funcionários íntegros da Funai, saberão se defender contra este retrocesso, que se vislumbra nesta administração e acena com brava-tas. Que quer chamar a violência para as negociações de interesses diversos. É tempo de diálogo.

Hélio Correa Gomes é assessor jurídico do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) em MT.